

## RINDO DAS PIADAS, MANIPULANDO A LÍNGUA

Luciani Ester TENANI<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Neste artigo, ao explicitar, por meio de análise em domínios prosódicos, os mecanismos fonológicos presentes em textos chistosos, argumenta-se que a dupla segmentação de uma mesma cadeia fônica envolve operações epilingüísticas que ultrapassam o nível da palavra e exigem a descoberta da ambigüidade sintática. A análise dos chistes ainda revela não só uma estratégia de dizer o que é proibido socialmente (sexualidade, racismo), mas também o trabalho do sujeito que opera com sua própria língua, que não é um “código perfeito”, mas um sistema heterogêneo que participa de um conjunto maior de instrumentos de significação.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; heterogeneidade; sujeito; língua; fonologia; acento.

### Introdução

Tomar piadas como objeto de análise lingüística implica assumir como tarefa a explicitação dos mecanismos lingüísticos que são acionados por esses textos. A análise apresentada visa explicitar a complexidade de informação lingüística necessária à captura de múltiplas possibilidades de interpretação de pequenos textos chistosos, bem como de interpretações que se mostrariam como mais salientes quando relacionadas à veiculação de discursos proibidos.

---

<sup>1</sup> Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários - IBILCE - UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP. lutenani@lev.bilce.unesp.br.

O objetivo deste trabalho é, mais especificamente, pôr à mostra os recursos de natureza fonológica que sustentam o efeito de humor das piadas, buscando argumentar que, ao fazer uma ou outra análise do enunciado, informações sobre a proeminência relativa das sílabas, não apenas no domínio da palavra, mas também no domínio da sentença, devem ser consideradas, juntamente com as propriedades entoacionais do enunciado, para se chegar a uma segmentação e a uma possível distribuição de proeminências associadas à veiculação do discurso proibido. Nos chistes selecionados, tais informações, que chamo de “prosódicas”, constituem o gatilho que permite a passagem de um *script* para outro, ou de um discurso para outro.

Dado tal objetivo, inicio a análise pelo jogo entre as proeminências das sílabas das seqüências (acento primário *versus* acento secundário), mostrando, por meio de grades métricas, que interpretar uma piada ou adivinha exige a descoberta de uma nova relação de proeminência na segmentação alternativa, a qual, por sua vez, está relacionada a diferentes domínios prosódicos, tais como palavra fonológica ( $w$ ), frase ou sintagma fonológico ( $\phi$ ), frase entoacional ( $I$ ).

Ao fazer uma análise focalizando tanto a grade métrica quanto os domínios prosódicos, defendo que a possibilidade de duas segmentações de uma mesma cadeia fônica (mecanismo básico dos chistes analisados) põe à mostra a competência prosódica dos ouvintes e “contadores” de textos chistosos. Assim, rindo das piadas/adivinhas, o leitor/ouvinte manipula a língua, interagindo/construindo (com) os sentidos dos discursos que perpassam os textos.

O fato de a dupla segmentação de uma mesma cadeia fônica estar presente nos textos chistosos revela, portanto, não só uma forma de dizer o que é proibido socialmente (sexualidade, racismo), mas também a dificuldade/habilidade do sujeito em operar com sua própria língua, que não é um “código perfeito”, mas cheio de “armadilhas”.

Revela-se aí o trabalho do sujeito com a língua. E, por meio da análise lingüística dos mecanismos fonológicos presentes nos textos chistosos, argumento a favor da concepção de sujeito defendida por Possenti (1988, 1996) que pode ser, resumidamente, formulada como: “o sujeito não sabe tudo, sabe menos do que pensa, desconhece o que parece controlar, mas revela, nas formas da heterogeneidade mostrada, que detém um certo saber” (Marques, Brunelli & Possenti, 1998, p.123).

Finalmente, por meio dessa argumentação, passo a discutir a noção de língua com que devemos operar quando é reconhecida a ambigüidade constitutiva da estrutura lingüística.

## Acento de frase e estratégias de veiculação de sentidos

Os dois chistes que se seguem permitem observar as possibilidades de segmentação de uma mesma cadeia fônica ao se manipular quer a localização dos acentos na seqüência quer diferentes tipos de proeminências das sílabas (acento de palavra fonológica ou de frase entoacional).

1. Qual o nome do Viagra em japonês?
  - Ajinomoto. (*age no morto*)
2. O que o ajinomoto falou para a ajinomota?
  - Vamo(s) ajinomato?

As duas adivinhas exploram as possibilidades de segmentação da palavra *Ajinomoto*, o nome comercial para “glutamato monossódico”, um tempero culinário para carnes. Tanto em (1) quanto em (2) a passagem do *script* da culinária ou da alimentação, relacionada ao nome do tempero; para o da sexualidade<sup>2</sup> se dá mediante a manipulação das fronteiras de palavra, bem como das proeminências silábicas envolvidas nas segmentações alternativas da cadeia sonora, como se observa nas grades métricas.

1.a. Grade métrica de <i>Ajinomoto</i>	1.b. Grade métrica de <i>age no morto</i>	2.a. Grade métrica de <i>vamo(s) agi(fr) no mato</i>
* * * * * * * *	* * * * * * * * *	* * * * * * * * * * *
# a . 3i . no . mo . tu #	# a . 3i # no # mor . tu #	#vã.mu # a. 3i # no # ma.tu #

Onde: pontos indicam fronteira de sílaba; #, fronteira morfológica; asteriscos, proeminência métrica. Na linha 0 da grade métrica, os asteriscos indicam todas as sílabas a serem consideradas na atribuição de acento. Na linha 1, são indicados os acentos secundários e na linha 2 o acento primário.

Em (1.b), a segmentação alternativa *age no morto* lida com um jogo de proeminências no domínio da palavra *ajinomoto*. Uma possibilidade de distribuição dessas proeminências é a primeira sílaba a passar a car-

2 Acionado o *script* da sexualidade na segmentação alternativa, possivelmente “temperar as carnes” (ou qualquer outro alimento) corrobora na veiculação do sentido haver a possibilidade de realização do ato sexual.

regar o acento do verbo *age*, e o acento da frase entoacional *age no morto*. Já na segmentação alternativa de (2), a cadeia sonora em questão é /vãmuazinomatu/, englobando, assim, *vamos* ao jogo de proeminências. Essa segmentação permite a construção de uma outra relação de proeminência entre as sílabas. Uma relação de proeminências possível é a sílaba /zi/ ser a portadora do acento de frase entoacional (I), enquanto a sílaba *ma*, o acento de frase fonológica ( $\phi$ ),<sup>3</sup> e *va* apenas o acento de palavra ( $\omega$ ).

O possível jogo com a proeminência relativa das sílabas dos enunciados está também relacionado aos domínios prosódicos de  $\phi$  e I. A análise, a seguir, torna explícitas as mudanças quanto às delimitações de palavras ( $\omega$ ) e frases fonológicas ( $\phi$ ), bem como as possíveis relações de proeminências entre  $\phi_s$  em cada segmentação.

1.a'. < { ( [ajinomoto] $\omega$ )c }  $\phi_+$  >I

1.b'. < { ( [agi] $\omega$ )c }  $\phi_{(+)}$  { ( [no] $\omega$  [morto] $\omega$ )c }  $\phi_{(+)}$  >I

2.b'. < { ( [vamos] $\omega$ )c ( [agir] $\omega$ )c }  $\phi_{(+)}$  { ( [no] $\omega$  [mato] $\omega$ )c }  $\phi_{(+)}$  >I

Onde: colchetes angulados indicam fronteiras de frase entoacional (I); chaves, fronteiras de frase fonológica ( $\phi$ ); parênteses, grupo clítico (C); colchetes quadrados, palavra fonológica ( $\omega$ ); e o sinal de soma entre parênteses, a possibilidade de proeminência de uma  $\phi$ .

Em (1.b'), o acento principal da frase entoacional pode recair sobre a sílaba tônica de *morto*, não só porque fonologicamente ocupa a posição mais à direita (posição "não-marcada", conforme algoritmo de formação de  $\phi$ , cf. nota 3), mas principalmente por carregar um elemento discursivamente relevante: *morto* é o estado do órgão sexual masculino ao qual se aplica o remédio. Porém, também a proeminência da mesma segmentação pode ser associada à sílaba tônica de *age*, se a interpretação do enunciado focalizar a suposta ação que o remédio provoca ("faz agir", ou seja, pode haver ereção). O mesmo jogo ocorre em (2.b'). O acento principal da frase entoacional pode ocorrer no  $\phi$  mais à direita,

3 Algoritmo de Formação da Frase Fonológica ( $\phi$ ) de Nespor & Vogel (1986, p.168):

- a) Domínio de ( $\phi$ ): o domínio de  $\phi$  consiste de um C (grupo clítico) que contém uma cabeça lexical X e todos os Cs no seu lado não-recursivo até o C que contém outra cabeça fora da projeção máxima de X;
- b) Construção de ( $\phi$ ): Reúna em uma  $\phi$  n-ária todos os Cs incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de  $\phi$ ;
- c) Proeminência de ( $\phi$ ): Em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à direita, o nóculo de  $\phi$  mais à direita é rotulado como *forte*; em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à esquerda, o nóculo de  $\phi$  mais à esquerda é rotulado como *forte*. Todos os nóculos irmãos de *forte* são rotulados de *fracos*.

*no mato*, se for dado enfoque ao “lugar” em que se pode “agir” (no mato, e não no rio ou na cama, por exemplo); ou no  $\emptyset$  mais à esquerda da sentença, *vamo(s) agi(r)*, se esta frase for interpretada com um convite que as pessoas, em geral, não enunciam explicitamente (pelo menos em público!?): *vamo(s) transa(r)*?

A possibilidade de mais de uma localização da proeminência entoacional de uma cadeia fônica revela, mais generosamente nesses dados do que nos analisados em Tenani (2000), a ambigüidade constitutiva da estrutura lingüística. O algoritmo de construção do domínio prosódico considerado permite prever possibilidades de “pouso” da proeminência, mas não é possível determiná-lo. A escolha de uma das possibilidades só se efetiva na enunciação. Dessa maneira, o *script* da sexualidade, recuperável nas piadas, além de relacionado de modo ambíguo ao *script* da culinária ou da alimentação (o tempero *Ajinomoto*), é ambíguo em relação a si mesmo (pode ser topicalizado tanto o convite para “agir”, quanto o lugar em que pode ocorrer “a ação”). Existe a ambigüidade da língua e da piada.

Vale notar ainda que em (2) “ajinomoto” é dado como nome de algum ser do qual nada se conhece, nem é relevante conhecer, a não ser que é sexuado.<sup>4</sup> A noção de sexo está associada à informação de gênero marcada quer pelo artigo anteposto ao nome quer pela regra geral de flexão de gênero feminino da língua portuguesa aplicada a esse suposto nome: *ajinomoto* (masculino)/*ajinomota* (feminino). Já na pergunta, portanto, há uma manipulação da cadeia /aʒinomotu/ ao se acrescentar o morfema de gênero feminino /a/. Na “resposta”, em outro ponto da cadeia segmental a troca do fonema /o/ pelo /a/ leva a um novo lexema. Tem-se, aqui, a aplicação direta do princípio utilizado pela fonologia para descobrir fonemas de uma dada língua: o teste de comutação. Esse teste pode ser visto, por sua vez, como um mecanismo de descoberta de possibilidades de combinação de unidades mínimas da língua.

Ainda quanto à cadeia segmental, vale observar que a segmentação alternativa de (1) explora o fato de o falante nativo de japonês não realizar claramente o tepe do português. Assim, [aʒinomotu] é uma provável realização segmental para *age no morto*, não em japonês, mas para japoneses que falam português. Nota-se que, através do nome do remédio indicado para disfunções erécteis “Viagra”, o *script* inicialmente acio-

---

4 Observa-se uma espécie de “zoomorfismo” nesses chistes, uma vez que por meio de um animal é representado o comportamento humano.

nado é o da sexualidade, mais especificamente o da (im)potência sexual de uma etnia, “os japoneses” (o que revela também o racismo). Daí a formulação da pergunta sobre o nome do remédio em japonês.

## O discurso da sexualidade

Os chistes selecionados têm em comum o múltiplo uso (ou abuso) do mesmo material lingüístico, de uma mesma cadeia fônica. Esses chistes verbais, como seriam classificados segundo Freud (1905), têm em comum um “gatilho” lingüístico (por isso “verbal” para Freud) de natureza predominantemente prosódica que lançam mão de um trabalho com segmentações alternativas e atribuição de proeminências (rítmicas e entoacionais) à cadeia sonora. Esse mecanismo de condensação está presente nos chistes tendenciosos que têm a característica de servir a um propósito de agressividade, de sátira ou defesa, como em (1), ou de desnudamento, como em (2).

Os chistes que servem ao propósito de desnudamento são os vistos como obscenos por tratarem de fatos ou relações sexuais. Pela enunciação de palavras obscenas, o ouvinte de chistes (como 2) é compelido a imaginar a situação libidinosa construída nos textos chistosos, a qual passa a compartilhar com o enunciador. Um dos componentes originais da libido humana é o desejo de ver desmascarado o que é sexual (cf. Freud, 1905, p.118). Em face de um obstáculo para a realização desse desejo sexual, a enunciação de chistes tendenciosos torna possível a satisfação desse desejo. Disso resulta que a enunciação quase sem disfarce de uma indecência proporciona prazer a quem enuncia e o riso a quem a ouve.

O trabalho com as estruturas lingüísticas dos textos chistosos se torna também um ingrediente a proporcionar prazer por acrescentar a descoberta de enunciar o desejo de realizar ações proibidas. Comparando a análise em domínios prosódicos de (1.b’), e (2.b’), encontra-se a recorrência de mecanismos de descobertas de possíveis sentidos que estão associados às possibilidades de proeminências das sílabas da cadeia sonora que, conseqüentemente, é organizada em domínios prosódicos, como se verificam a seguir.<sup>5</sup>

---

5 As indicações dos domínios prosódicos dos enunciados são simplificadas nesse item a fim de facilitar a leitura. As indicações da análise formal de todos os domínios prosódicos dos enunciados são dadas a seguir.

1.b'. < { ([agi]ω)c } φ<sub>(1,1)</sub> { { [no]ω {morto}ω)c } φ<sub>(1,1)</sub> >I

2.b'. < { ([vamos]ω)c {agir}ω)c } φ<sub>(1,1)</sub> { { [no]ω {mato}ω)c } φ<sub>(1,1)</sub> >I

1.b" { [age] (+) [no morto] (+) }

2.b" { [vamu agi] (+) [no mato] (+) }

Onde: colchetes quadrados indicam fronteiras de frase fonológica; chaves, frase entoacional; sinal de soma entre parênteses, a possibilidade de proeminência de uma frase fonológica.

As possibilidades de a proeminência entoacional recair em uma ou outra porção do enunciado alternativo, como indicado antes, estão associadas à possibilidade de topicalizar uma ou outra porção que mais diretamente permite veicular discursos proibidos.

Em *age no morto*, por exemplo, a proeminência entoacional pode estar associada à sílaba tônica de *age*, se a interpretação focalizar a ação; ou à sílaba tônica de *morto*, se for focalizado o objeto da ação. Neste e noutros chistes, há a regularidade de enunciados que pertencem ao discurso da sexualidade serem veiculados por meio da segmentação alternativa. Porém, esses enunciados sexistas são também permeados por outros discursos, como: o da patologia, o do racismo, o da religião, o da alimentação.

O lexema *ajinomoto* (chistes 1 e 2) pertence a enunciados relacionados, em princípio, ao discurso sobre alimentos. Porém, a segmentação alternativa desses itens lexicais veicula, como mostrado na seção anterior, enunciados cujos sentidos pertencem ao discurso da sexualidade. O sentido associado ao campo da sexualidade é veiculado ambigualmente com o sentido do item lexical *ajinomoto* e, desse modo, traz à cena também um sentido pertencente ao discurso da alimentação.

Verificam-se, portanto, entrecruzamentos de discursos. Nota-se que é recorrente a condensação em uma seqüência sonora de dois ou mais enunciados que podem ser identificados como pertencentes a mais de um discurso, como, por exemplo, o da sexualidade e o da alimentação.

Em (1), soma-se a esses discursos o da medicina ao ser mencionado o nome de um remédio indicado para disfunções erécteis, o já popular "Viagra". A doença em questão é a impotência sexual masculina, que foi vencida, aparentemente, para alguns casos, por meio da ingestão do mencionado remédio. A segmentação alternativa *age no morto* tematiza a suposta ação do remédio ao "fazer agir o que estava morto", ou seja, provoca a ereção. Entretanto, o chiste em análise aborda também a sexualidade de uma raça e revela o racismo em relação aos japoneses.<sup>6</sup> So-

---

6 Vale notar que o termo "japoneses" é usado popularmente para fazer referência a qualquer pessoa que tenha características asiáticas similares às dos japoneses.

bre estes, são recorrentes, na sociedade brasileira, as afirmações que os desqualificam sexualmente, o que não deixa de ser uma espécie de agressividade e sátira contra os japoneses e que se evidencia também como uma forma de autodefesa dos brasileiros.<sup>7</sup> Desse modo, o remédio é indicado para os impotentes japoneses e não para os potentes brasileiros!

Ao explicitar a repetição de enunciados pertencentes ao discurso da sexualidade, busca-se argumentar que não há um sentido único que se veicula nos chistes em análise, mas são múltiplos sentidos que se entrecruzam em torno da sexualidade e que, em última instância, revelam as ligações com o desejo sexual, com as possibilidades de realizar esse desejo.

Os mecanismos explicitados na seção anterior são estratégias de dizer o que é proibido, pois não se pode dizer tudo explicitamente, especialmente sobre a sexualidade, como já mostrou Foucault nos volumes sobre a História da sexualidade (especialmente, 1984). Ao serem identificadas as regularidades dos mecanismos lingüísticos, pelos quais se veiculam enunciados sobre a sexualidade, verifica-se como se desvenda o discurso da sexualidade que é permeado (de modo ambíguo) por enunciados pertencentes, aparentemente, apenas a outros discursos.

## **Chistes, língua, sujeito**

Foram mostradas as possibilidades existentes de articulação de mecanismos pelos quais se dão as descobertas de palavras sob as palavras. São descobertas de possíveis similaridades na cadeia fônica que estão “estrategicamente” articuladas com as dessemelhanças que se tornam claramente visíveis por meio das grades métricas e dos domínios prosódicos. Essas articulações se dão não só no âmbito da palavra fonológica ( $\phi$ ), como também no nível da frase entoacional (I), e abrangem as possibilidades de proeminência entre as sílabas de todo o enunciado. A análise dos chistes permite revelar a “habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (Freud, 1905, p.23). Entender as piadas, portanto, implica, por parte do seu leitor/ouvinte, o trabalho lingüístico aqui expli-

---

7 Esse chiste revela ao mesmo tempo traços obscenos e hostis condensados em um breve enunciado que articula enunciados pertencentes aos discursos da alimentação, da medicina, do racismo e da sexualidade.

tado, exige um sujeito que manipula a língua e os possíveis sentidos associados a discursos que por ela/nela são veiculados.

Por meio da análise lingüística, pode-se defender a hipótese de que o ouvinte/leitor é ativo, age sobre as formas lingüísticas que estruturam os chistes. É recorrente, nos textos que seguem a proposta da Análise do Discurso francesa e defendem uma concepção de "sujeito que trabalha", a ênfase no trabalho do sujeito/locutor quando, por exemplo, analisam citações, *slogans*, provérbios. O trabalho a ser feito pelo sujeito que ocupa o lugar de ouvinte também requer uma competência lingüística que, como vimos, é complexa. Não se trata de um ouvir passivo, mas de um agir sobre as estruturas colocadas em um jogo de descobertas de possibilidades e de constantes escolhas (que podem até resultar em um riso).

As operações epilingüísticas necessárias (não suficientes) para que a piada funcione permitem identificar sujeitos que atuam. O sujeito que ocupa o lugar de falante age ao controlar o efeito e o gatilho dos textos chistosos. O sujeito que ocupa o lugar de ouvinte também é ativo ao operar sobre as estruturas para descobrir os sentidos veiculados pelos chistes.

A análise realizada visa contribuir com a Análise do Discurso, por exemplo, ao tratar de exemplos da presença do sujeito na atividade lingüística, explicitando por quais processos lingüísticos se veiculam vários sentidos e se chega às interpretações possíveis.<sup>8</sup> No entanto, afirmar que há um sujeito que opera com as estruturas lingüísticas não autoriza concluir que se postule um sujeito todo-poderoso ou que a língua seja desprovida de qualquer tipo de estrutura.

Quer-se argumentar que na língua existem estruturas, e que analisá-las não necessariamente implica, por seu turno, afirmar que a língua seja um sistema homogêneo e que haja somente um sentido, uma interpretação possível. É antes o contrário. A análise dos dados selecionados permite mostrar que a língua exige uma atividade do sujeito, "atividade esta de natureza constitutiva" (Possenti, 1988, p.49). Ao sujeito que lhe escaparem as possibilidades de organização/de estruturação prosódicas dos enunciados, também lhe "escapa" a piada.

Não só se verifica a atividade do sujeito em relação à língua e sobre a língua simultaneamente. Os dados analisados revelam também a am-

---

8 O levantamento dos processos lingüísticos mais recorrentes mostra apenas alguns dos possíveis mecanismos de construção de significação, os quais não são restritos aos de natureza lingüística.

bigüidade da língua, põem à mostra suas "imperfeições" estruturais. Ao se considerar uma estrutura, por exemplo, *age no morto*, não é possível determinar qual é a "adequada" localização do acento entoacional da frase, porque mais de uma possibilidade se apresenta como "adequada". Eis uma brecha para escolhas. Pequenas escolhas que o sujeito faz no momento da enunciação. E por essas escolhas serem recuperáveis na enunciação dos chistes, por exemplo, são definidas as possibilidades de interpretação e de estruturação de uma dada cadeia fônica.

Está-se argumentando, dessa maneira, contra a concepção de que sempre há apenas uma estrutura adequada para cada enunciado e a favor da tese que admite que as estruturas lingüísticas veiculam mais de um sentido e não apenas "o adequado", o que não implica afirmar, no entanto, que veicula qualquer um. Admitir que o falante/o ouvinte age sobre a língua não implica que possa fazer qualquer coisa ao falar/ao ouvir. A explicitação dos mecanismos lingüísticos acionados nos chistes lança alguma luz sobre as possíveis estruturas prosódicas hierarquicamente organizadas em domínios segundo seus princípios de formação. A análise proposta, no entanto, põe sob holofote a complexidade de sentidos associados às possíveis estruturas de um enunciado.

Nas abordagens formais da fonologia prosódica (por exemplo, Nespor & Vogel, 1986), quando não se verificam empiricamente os domínios da frase fonológica e da frase entoacional, tal como previstos pelos algoritmos de formação, são previstas reestruturações desses domínios que "dependem em grande parte de como atuam os aspectos globais da situação de fala". Sobre a possibilidade de reestruturação dos domínios prosódicos, as autoras fazem considerações nos seguintes termos:

We have already seen in relation to the phonological phrase that, at least in some languages, the length of certain phonological constituents plays a role in determining the ultimate division of a string into  $\phi_s$ . ... It will be shown ... that the intonational phrase, too, may undergo a process of restructuring. In the case of I, however, length is only one of several factors that may play a role in determining restructuring. Three other factors we will also examine here are rate of speech, style, and contrastive prominence. Since I restructuring *depends in large part on rather global aspects of the speech situation*, it is not possible to predict exactly when it will occur. (Nespor & Vogel, 1986, p.193; grifos meus)

Uma leitura atenta permite verificar que a topicalização de uma porção do enunciado (*contrastive proeminence*), o estilo e as velocidades de fala são até mencionados no texto. Contudo, é mínima a formulação do que venham a ser os processos que geram tais reestrutura-

ções.<sup>9</sup> Aliás, o próprio termo "reestruturação" pressupõe uma estrutura ideal que, quando enunciada (ou em "situações de fala"), sofre alteração. Essa concepção de reestruturação tem por base a oposição chomskyana competência *versus* desempenho, que guarda relação com a dicotomia básica saussureana: a língua, um sistema homogêneo, social, e a fala, o domínio do indivíduo que usa o sistema. No entanto, a análise formal dos dados selecionados torna evidente a natureza não homogênea constitutiva das estruturas das línguas.

Uma "lingüística das formas" que não trata com o rigor necessário das alternativas da própria estrutura parece não alcançar completamente os seus propósitos. A explicitude não é levada a cabo nos domínios em que as possibilidades de estruturação dos enunciados (ou "reestruturação" nos termos da fonologia prosódica) estão mais evidentemente articuladas à veiculação de mais de um sentido. Fica, pois, colocado em segundo plano o motor gerador da possibilidade de reestruturação: a ambigüidade constitutiva da língua.

A abordagem defendida aqui é a de não temer o desafio de identificar as "fendas e rachaduras" das estruturas lingüísticas e de analisar detalhadamente as formas a fim de explicitar as estratégias que permitem a construção de textos chistosos. Essas estratégias "usam" da porosidade das palavras e da própria estrutura lingüística para veicular, com pouco material fônico, muitos (mas não qualquer um, insisto) sentidos.

Essa análise dos chistes leva água para o moinho dos que consideram que as palavras não coincidem com elas mesmas: há palavras "escondidas" sob as palavras. Vale remeter ao início desta seção por meio das palavras de Authier-Revuz (1998, p.26), quando afirma que

essas palavras **porosas** [são] carregadas de discursos que elas têm incorporados e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituente, essas palavras **embutidas**, que se cindem, se transmudam em outras, palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se ... essas palavras **que separam** aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação, é no real das não-coincidências fundamentais, irredutíveis, permanentes, com que elas afetam o dizer, que se produz o sentido.

---

9 Por exemplo, a discussão sobre as diferenças que o estilo formal *versus* o informal gera para a análise fonológica do enunciado é tratada brevemente em um parágrafo de apenas dez linhas.

É ao explicitar os mecanismos lingüísticos acionados na interpretação dos textos chistosos que se encontram processos formais recorrentes, os quais permitem colocar em questão o sentido do que se diz. Com base na análise formal, torna-se explícito que a língua não pode ser tomada como o domínio do homogêneo, do fechado, do repetível, mas sim, nas palavras de Authier-Revuz (1998, p.166), como

um campo duplamente marcado pelo NÃO-UM, pela heterogeneidade teórica que o atravessa, a língua articulando-se ao sujeito e "ao mundo", e pelo caráter não-repetível da compreensão que dele se pode ter, inevitavelmente afetada pela subjetividade e pela incompletude.

A língua, portanto, deve ser vista como um sistema não absolutamente sistemático, mas heterogêneo, que participa de um conjunto maior de instrumentos de significação. A análise exaustiva ora realizada permite ressaltar os processos formais que não têm sentido por si mesmos, não se constituindo em respostas quanto ao sentido do que se diz, mas que se constituem em material confiável a interrogar e a interpretar a partir de outro campo de pertinência (que não o da lingüística): o campo do sentido no discurso, espaço marcado pelo não-um de sua heterogeneidade e da dimensão intersubjetiva que o atravessa.

Para finalizar, cabe uma indagação: em que medida uma descrição lingüística como a realizada, que mostra que, tanto no domínio do léxico quanto, especialmente, no da sintaxe, a língua não é estritamente estruturada, poderia sustentar ou pôr em questão uma tese como a lacaniana segundo a qual o inconsciente é estruturado como linguagem? Observe-se, especialmente, que o mesmo tipo de funcionamento atravessa mais de um nível, sendo sabido que a noção de estrutura, classicamente, era relacionada basicamente com as palavras, os signos. Seria certamente interessante verificar em que medida uma teoria psicanalítica que considerasse a linguagem da mesma forma que Lacan sentiria alguma necessidade de reorganizar-se para "absorver" as exigências postas por análises como esta, que, não custa repetir, ultrapassa o nível da palavra.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Prof. Dr. Sírio Possenti (IEL/Unicamp) a discussão de versões preliminares deste trabalho; ao Prof. Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília) as observações a propósito da ambigüidade das pia-

das, à Profa. Anna Flora Brunelli (UNESP/SJRP) o incentivo e a leitura deste texto.

TENANI, L. E. Laughing at jokes, manipulating language. *Alfa (São Paulo)*, v.45, p.115-127, 2001.

- **ABSTRACT:** *This paper analyses the comic texts that are characterized by possible prosodic domains of alternative segmentation of a phonemic chain. By the analysis of phonological processes that occur in those texts, we argue that linguistic operations involve more than the word domain and work with the syntactic ambiguity that must be discovered by the joke's listeners. The linguistic analysis shows a strategical work done by the subject of the discourse who has to find out some mechanisms of saying the prohibited utterances about sex and racism. This subject's work in the discursive process displays the language nature that is defended here: language is not a "perfect code", but a heterogeneous system that takes part in a great set of means of making sense.*
- **KEYWORDS:** *Discourse; heterogeneity; subject; language; phonology; stress.*

## Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. Duas ou três coisas sobre as relações da língua com o que não é ela... In: \_\_\_\_\_. *Palavras incertas. As não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.165-75.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 3: le souci de soi*. Paris: Gallimard, 1984. \_\_\_\_\_ . *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1905.
- MARQUES, M. C. S. S., BRUNELLI, A. F., POSSENTI, S. Discurso do outro: lá onde o sujeito trabalha. *Alfa (São Paulo)*, v.42, p.113-31, 1998.
- NESPOR, M., VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. \_\_\_\_\_ . Concepções de sujeito na linguagem. *Boletim da Abralin (São Paulo)*, v.13, p.13-30, 1993.

- POSSENTI, S. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, I. (Org.) *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora da UnB, 1996. p.37-47.
- \_\_\_\_\_. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre condições de possibilidade da subjetividade, especialmente na linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (Campinas)*, v.35, p.95-107, 1998b.
- TENANI, L. E. Piadas e domínios prosódicos. *Anais do II Congresso da ABRALIN* (Florianópolis), p. 438-49, 2000.